



**VIVA &
EFICAZ**

Usando a Bíblia com Poder e Precisão

NOVO: FUNDAMENTOS

Arte da capa: *Foto de floresta de bambu* por kazuend em Unsplash
Ilustrações: Celine Baldemor

VIVA & EFICAZ

Usando a Bíblia com Poder e Precisão

por Sam Metcalf & Mark Thrash

© 2021 Samuel F. Metcalf / Mark Thrash / Novo



novo.org

...Vi debaixo do altar as almas daqueles que haviam sido mortos por causa da palavra de Deus e do testemunho que deram.

— Apocalipse 6:9

O divisor de águas em cada geração é a autoridade efetiva da Escritura e as realidades que ela revela.

— John Piper¹

¹ John Piper, blog Desiring God, 25 de novembro de 2019: <https://www.desiringgod.org/articles/the-watershed-issue-in-every-generation>

Vivo & Ativo

Usando a Bíblia com Poder e Precisão

J. Robert Clinton, o estimado professor de liderança no Seminário Teológico Fuller, foi apaixonado, durante toda a sua vida, por ser e por treinar líderes centrados na Bíblia. Durante os seus muitos anos de envolvimento com a Novo, e com os nossos líderes, ele nos incentivou consistentemente a ir em direção a esse foco. Ele escreveu:

Em minha experiência com líderes — fossem pastores, missionários ou leigos — notei um acontecimento que sempre se repetia. No início de seu ministério, eles estudam a Bíblia. Eles são atraídos pela Bíblia. Ela é importante para eles. Então, ao longo dos anos de ministério, eles perdem o seu primeiro amor pelas Escrituras. Eles estudam a Bíblia apenas para pregar ou para dar alguma lição dela. Eles já não têm mais aquele forte desejo pela Palavra. Não estão sendo *equipados pela Palavra*.

Provavelmente, existem várias razões para isso. Para os líderes missionários, as pressões da liderança exigem frequentemente que as atividades e a atenção sejam dadas em primeiro lugar à sobrevivência da organização. Orientei vários líderes desse tipo. A minha intenção sempre foi tra-

zê-los de volta à Palavra. Parte de sua habilidade de liderar e influenciar vem da sua familiaridade com a Palavra e com uso que Deus faz dela em suas vidas e liderança. Eles não podem deixar de ser *equipados pela Palavra*.

Portanto, este pequeno livreto tenta fazer quatro grandes coisas em um breve panorama:

- Atestar a essencialidade, autoridade e papel das Escrituras
- Descrever ferramentas práticas para incorporar a Bíblia na vida de uma pessoa
- Resumir os princípios históricos de interpretação bíblica
- Apresentar o paradigma de J. Robert Clinton de Liderança Centrada na Bíblia

O Ambiente Universitário

Quando eu era um estudante de graduação em uma grande universidade estatal na América do Norte, eu (Sam) estava envolvido com os Navegantes (The Navigators), um ministério estudantil dinâmico que estava presente em muitos campi universitários em todo o país. Um dos pontos fortes dos Navegantes, pelo qual serei eternamente grato, foi a ênfase no quanto eu consumia e em como eu aplicava a Bíblia.

Por exemplo, onde quer que eu fosse, eu carregava comigo um pequeno “pacote de versículos” feito de pequenos cartões, nos quais eu tinha escrito umas trinta ou mais passagens da Escritura que eu estava memorizando, meditando sobre e absorvendo. Eu tirava aquele pacote do bolso enquanto esperava em filas na cantina ou enquanto caminhava até as minhas aulas. Eu tinha um sistema através do qual eu podia passar por quatro versículos cada vez que eu dava uma volta na pista enquanto corria. Aprendi a focar em passagens antes de dormir, e descobri o incrível valor da meditação quando a Bíblia é o ponto focal dessa disciplina espiritual.

De muitas maneiras práticas, eu estava aprendendo a experimentar Jeremias 15:16:

Quando as tuas palavras foram encontradas eu as comi; elas são a minha alegria e o meu júbilo, pois pertencço a ti, Senhor Deus dos Exércitos.

Mais do que qualquer experiência educacional formal, exposição à igreja, ou treinamento em seminários, esses anos me imergiram na Bíblia e em um compromisso a obedecê-la. Essas experiências foram formativas e me deram uma fluência bíblica fundamental que me serviu durante as décadas seguintes de minha vida e ministério. Infelizmente, subestimo com frequência o alicerce que foi estabelecido nesses anos iniciais. Assumo com muita frequência que essa é uma experiência comum para os outros a quem Deus separou para o ministério vocacional, especialmente aqueles chamados para servir como missionários para as nações em um ambiente apostólico como a Novo.

O Oriente Médio Hoje

Estamos sentados num apartamento de três quartos em Beirute, onde se reuniram cerca de quinze pessoas. Há uma mistura de homens e mulheres. Algumas mulheres estão com a cabeça coberta. Todos são refugiados — a maioria sírios, mas também estão ali alguns iraquianos e curdos. Uma jovem libanesa lidera o grupo. Ela lê uma história da Bíblia e pede às pessoas na sala que a recontem umas às outras. Em seguida, ela faz várias perguntas simples: “o que ela nos diz sobre Deus? O que ela nos diz sobre as pessoas? Se creio que tudo isso é verdadeiro, o que devo fazer?”

A conversa é animada e dura mais de uma hora enquanto as pessoas mergulham na passagem. Para muitos, a experiência é totalmente verbal, porque não há Bíblia diante deles. É fascinante observar o que acontece quando não há pregador, professor ou especialista. Todos estão se envolvendo com a verdade da passagem e, em seguida, par-

tindo para a obediência. No final, cada pessoa cria uma declaração usando “Eu vou” como resposta, e a jovem que está facilitando registra cada uma delas em um diário. Na próxima vez que o grupo se reunir, as pessoas serão questionadas sobre o seu desempenho no cumprimento dessas intenções expressas.

Esse é um típico Estudo de Descoberta da Bíblia, às vezes chamado apenas de “Grupo de Descoberta” ou DBS. Desse apartamento em Beirute, mais de 500 grupos surgiram, alguns em outras partes da cidade, e outros até mesmo em outros países, porque as pessoas migraram e começaram grupos semelhantes em campos de refugiados e nos lugares onde eles se realocaram na Europa e além.

Enquanto escrevo, podemos contar mais de 20.000 desses grupos em toda região como resultado da influência da Novo. Em média, se uma pessoa se comprometer com um grupo assim, dentro de três a quatro meses de participação aquela pessoa — com frequência também junto com sua família — irá decidir se tornar um seguidor comprometido de Jesus.

Acompanhados e energizados pela presença sobrenatural do Espírito Santo, esses grupos de descoberta são um testemunho notável do poder da Bíblia de transformar vidas. Como convidados em grupos assim, ficamos extasiados em ver Hebreus 4:12 acontecendo diante dos nossos olhos:

Pois a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração.

Autoridade não é Discutível

Esse livreto não é uma defesa ou apologética da autoridade da Bíblia, especialmente para o mundo que está assistindo. Essa seria uma missão impossível. Nas sociedades seculares, predominantemente pós-modernas e pós cristãs da América do Norte e mais amplamente no mundo ocidental, uma apologética sobre a Bíblia tem pouca ou nenhuma tração. Pode ter feito sentido nos dias de nossos avós e em gerações passadas dizer que “a Bíblia me disse assim!”, mas isso é, na maioria dos casos, irrelevante no contexto cultural atual do Ocidente e em muitos lugares globalmente².

Para que a Bíblia se comunique de forma eficaz e com poder sobrenatural em um ambiente de incredulidade, requerem-se duas necessidades: primeiro, é preciso usar a Bíblia, não apenas defendê-la. Quando a Bíblia é usada para comunicar a verdade, isso é feito melhor pessoalmente, verbalmente e através de histórias. Como mencionado acima, é isso que fazemos em todo o mundo quando usamos um formato de “descoberta” com indivíduos e grupos. A Bíblia tem um poder incrível quando lhe é permitido falar por si mesma, iluminada pelo Espírito Santo, sem seres humanos complicando demais o processo.

Em segundo lugar, a comunicação com pessoas distantes de Deus é mais eficiente quando a verdade é precedida ou acompanhada por encontros sobrenaturais (veja o livreto *Envolvendo-se com o Sobrenatural* para uma discussão mais aprofundada sobre esse fato).

Também não é nossa intenção nesse livreto defender a autoridade Bíblica entre aqueles que decidiram seguir Jesus. Existem outros muito mais bem qualificados que nós que fizeram isso ao longo dos

² Veja o artigo de Andy Stanley's, “*Why ‘The Bible Says So’ Is Not Enough Anymore*” (Por que ‘A Bíblia diz assim’ não é Mais Suficiente) na revista Outreach, 20 de maio de 2018, para um bom tratado sobre o assunto.

séculos.³ Alguns inclusive arriscaram suas próprias vidas para fornecer as Escrituras para que então cada pessoa pudesse encontrar a Deus em seu próprio idioma. Estamos sobre os ombros de Wycliffe, Luther e Tyndale, junto a muitos outros.

Portanto, começamos com o pressuposto de que a Escritura — os sessenta e seis livros do Antigo e do Novo Testamento — é a infalível e inspirada Palavra de Deus, e que a própria Bíblia e o próprio Cristo fundamentam essas afirmações.⁴ Isso é hoje, e tem sido desde a nossa criação, um fato para a CRM e agora para a Novo. Abraçamos o que é comumente entendido como uma “visão elevada” da Escritura que é consistente com a ortodoxia cristã e histórica.

Há um número cada vez maior de vozes e questões que giram em torno da cena religiosa atual e que estão diretamente relacionadas com esse entendimento. Por exemplo, o que é comumente chamado hoje de “teologia progressista” é, na realidade, a teologia liberal das décadas passadas revestida de diversas embalagens contemporâneas. Porém, no coração do progressismo e de seus corolários está um entendimento da Escritura e da autoridade bíblica que não é nada ortodoxo. Os fundamentos do progressivismo teológico são inconsistentes com princípios hermenêuticos — as regras amplamente aceitas para interpretação da Bíblia — que caracterizaram o movimento cristão ao longo dos dois últimos milênios.⁵

Às vezes essa perspectiva nada ortodoxa é referida como uma visão “baixa” da Escritura — uma posição que é a razão primária para

3 Por exemplo, veja *The Authority of the Bible* (A Autoridade da Bíblia) de John R. W. Stott's (Downers Grove: Intervarsity Press, 1974) ou *Uma Glória Peculiar* de John Piper, (Wheaton, IL: Crossway, 2016)

4 Por exemplo, veja: 2 Timóteo 3:16; 2 Pedro 1:21; 1 Coríntios 2:13; Mateus 24:35, Provérbios 30:5 e João 10:35.

5 Veja John Mark Comer, “*Is Progressive Theology Killing the Church?*” (A Teologia Progressiva está Matando a Igreja?) em <https://www.youtube.com/watch?v=5MOHD4Y7AV4>.

o estado enfraquecido das denominações principais na América do Norte hoje. Ou seja, no cerne do declínio precipitado da linha principal do protestantismo está essa visão baixa da autoridade bíblica.

Além disso, muitos dos pontos críticos de tensão na cena religiosa contemporânea encontram sua gênese em como se vê, interpreta e, em última instância, se aplica a Bíblia para questões como a pessoa de Cristo e a sua suficiência, a realidade do céu e do inferno, a sexualidade humana, a natureza o valor da vida (a *Imago Dei*), e a prioridade da redenção humana na missão de Deus (a *Missio Dei*).

Ficando Atento à Ênfase Excessiva

Ao mesmo tempo, precisamos estar igualmente cientes do mal-estar que ocorre quando há uma ênfase excessiva na Bíblia — um erro do qual os protestantes em particular são culpados. Às vezes, em tentativas bem intencionadas de proteger a Escritura, ela pode ser elevada a um status que ela não reivindica para si mesma; o Pai, o Filho e a Bíblia Sagrada *não* são o Deus Trino.

Moreland descreve essa ênfase exagerada em seu artigo “*How Evangelicals Became Over-Committed to the Bible and What Can Be Done About It*” (Como Evangélicos se Tornaram Comprometidos Demais com a Bíblia e o Que Pode Ser Feito Sobre Isso). Ele escreve:

A própria ideia de que alguém poderia ser comprometido demais com a Bíblia poderia soar irreligioso. Em certo sentido, este julgamento é justo. Nunca seria possível ser comprometido demais em amar, obedecer e promover a Escritura Sagrada. Em outro sentido, no entanto, esse excesso de compromisso é onipresente e prejudicial. O sentido que tenho em mente é a ideia de que a Bíblia é a única fonte de conhecimento de Deus, moralidade e de uma série de itens importantes relacionados. Assim, a Bíblia é considerada a *única* fonte de autoridade para a fé e para a prática. Apli-

cado à inerrância, a noção é que a Bíblia é a única fonte de tal conhecimento e autoridade. O princípio Protestante da *Sola Scriptura* não implica esta alegação.

Moreland esclarece mais esse ponto, fazendo a distinção entre “autoridade definitiva” and “única autoridade”:

Claramente, a ideia que, de dentro do ponto de vista cristão, a Escritura é a autoridade *definitiva*, a fonte *definitiva* de conhecimento relevante, não implica que ela é a única autoridade ou fonte... Raciocínio correto, experiência, credos, e tradição têm sido reconhecidos como fontes de conhecimento e autoridades subordinadas dentro do ponto de vista cristão sujeito à autoridade final e suprema da Escritura.

A distinção entre autoridade definitiva e única autoridade é fundamental para nós, porque uma ênfase exagerada pode nos levar a perder de vista o que a narrativa das Escrituras propõe. A saber, que um relacionamento *interativo* com o Deus do universo é possível. Vemos isso começando no Éden e progredindo por toda a narrativa mais ampla das Escrituras até o final do livro de Apocalipse.

Embora acreditemos em tudo o que a Bíblia diz sobre si mesma a respeito de sua autoridade e inspiração, devemos perceber que essa revelação — a saber, a revelação que Deus faz de si mesmo — é muito mais ampla do que a sua Palavra escrita. Por exemplo, há a revelação geral, que se refere à obra da mão de Deus que permeia a criação. E em toda a Escritura, Deus também se comunica especialmente com a humanidade através de uma ampla variedade de formas: um pilar de fogo e uma nuvem, visitas angelicais, uma voz mansa e delicada, palavras proféticas, um redemoinho, para dar alguns exemplos.

Independentemente dos meios que são usados, cremos que Deus é consistente e não se contradiz. Isso significa que a Escritura detém uma posição única como revelação especial. É, como descrevem alguns

teólogos, a “corda” que mantém coesa toda a experiência reveladora e através da qual tudo é medido. É o parâmetro através do qual todas as outras formas da autorrevelação de Deus devem ser avaliadas. Podemos ter certeza de que Deus não se revelará de uma forma que seja contraditória à Palavra escrita. Ao mesmo tempo, precisamos admitir humildemente que Deus não está limitado à Escritura. Ele pode escolher, como sempre fez, usar quaisquer caminhos e meios que ele desejar para se comunicar com os seres humanos. O próprio Jesus atestou essa realidade quando ele declarou em João 5:39-40,

“Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida”.

Moreland propõe correções a essa ênfase excessiva, e queremos destacar uma delas especificamente:

A terceira e última área na qual o comprometimento excessivo com a Bíblia é prejudicial à igreja é a rejeição da orientação, revelação, e tudo o mais de Deus através de impressões, sonhos, visões, palavras proféticas, palavras de conhecimento e de sabedoria. Se “revelação” é definida como a comunicação divina da informação que não foi não poderia ter sido conhecida naquele momento de outra forma, então Deus está constantemente dando revelações a seu povo. Não revelação de teologia e ética, não revelação para a igreja universal, e não revelação em par autoritativo com a Escritura.

Mas quando os anciãos da igreja retornam de um retiro de planejamento para anunciar — vamos assumir que corretamente — que Deus os guiou para enfatizar a família esse ano e não, digamos, evangelismo, isso é uma revelação extrabíblica no sentido que acabamos de mencionar. Com base nas suposições razoáveis de que Deus é real, continua

a falar e a guiar seus filhos de várias maneiras, e que tudo isso se enquadra dentro dos limites epistêmicos das faculdades humanas [ou seja, os limites do que sabemos estar dentro das limitações humanas], não há boas razões para rejeitar esse tipo de coisa descontroladamente. Mas aqueles que são excessivamente comprometidos com a Escritura fazem isso o tempo todo.

É importante notar que “extrabíblico” não é a mesma coisa que “não bíblico”. Extrabíblico é o que Moreland descreve. É quando Deus escolhe se revelar em maneiras diferentes da Escritura, mas consistentes com ela.

A Bíblia e o Ouvir a Deus

Isso nos leva ao tópico de ouvir a Deus e como isso está relacionado às Escrituras. Esse tópico é abordado de maneira mais completa no livro *Envolvendo-se com o Sobrenatural*, da série *Fundamentos* da Novo. Mas um relato mais pessoal aqui pode ajudar a ilustrar o importante papel que a Bíblia desempenha no envolvimento íntimo e experiencial com Deus.

A minha (Mark) jornada de aprender a ouvir de Deus começou alguns meses antes de me juntar à Novo. Foi em Janeiro de 2010, quando minha esposa Jamie e eu éramos diretores de área com a missão da Young Life no sul da Califórnia. Tínhamos nos casado em maio de 2005, nos mudado para um nova cidade para recomeçar a área da Young Life, e amamos aquilo. Estávamos dando a nossa vida para ver adolescentes longe de Deus começarem a crescer em sua fé e críamos que passaríamos a vida inteira naquele ministério. Mas quando começamos uma família, as demandas de um novo estágio da vida nos deixaram sem chão e nossos planos foram por água abaixo. Começamos a sentir que talvez nossa temporada com a Young Life estava chegando ao fim.

No aconselhamento pré-matrimonial, nosso conselheiro tinha nos encorajado com um paradigma de discernimento. Ele disse, “Como seguidores de Jesus, quando se trata de tomada de decisões, devemos discernir em vez de decidir”. Até aquele momento, eu era bem do tipo que faz listas de “prós e contras” na hora de descobrir a vontade de Deus. Mas essa decisão de potencialmente deixar a missão da Young Life pareceu pesada e assustadora, então decidimos dar uma chance a essa coisa do discernimento. Decidimos tentar, e foi aí que parei e disse “Ai, droga!”. Percebi que o discernimento é baseado em ouvir a voz de Deus, mas que eu nunca tinha ouvido a sua voz antes. A partir daquele momento, consegui olhar para trás, refletir e perceber que eu tinha ouvido a voz de Deus periodicamente ao longo da minha vida, mas só não estava ciente dela naqueles momentos.

Essa crise me levou a examinar o que eu cria sobre Deus falar, o que me levou a perguntas sobre o que eu cria sobre a oração e sobre o Espírito Santo. Comecei a perguntar a amigos e mentores, se eles ouviam a Deus e como funcionava. Comecei a estudar as Escrituras e a ler livros. Cheguei a conclusão de que Deus não apenas fala, mas ele nos designou para viver em um relacionamento interativo com ele. Percebi isso em meu próprio ministério, falei muito sobre ter um “relacionamento com Deus e Jesus”, mas eu nunca entendi a realidade do que isso significava. Até esse ponto, eu tinha amado a Deus e sabia que ele me amava, mas eu estava dando minha vida para apresentar estudantes a Ele... mas, de alguma forma, eu tinha perdido a parte mais importante das Boas Novas. Falei sobre isso. Proclamei sobre isso. Mas eu realmente não tinha experimentado isso. A maior parte dos seres humanos definiria um relacionamento saudável como sendo mútuo e de mão dupla. Se pensarmos em termos humanos, nunca diríamos que experimentamos uma relação significativa com alguém se apenas um de nós falasse.

Eu estava embarcando nessa nova jornada de aprender a ouvir a Deus mais ou menos na mesma época que entrei para a Novo. Da minha perspectiva, parecia que, para a maior parte da equipe da Novo, ouvir a Deus era como respirar. Era bonito, natural, e não era sensacio-

nalista. Era, acima de tudo, para o relacionamento e intimidade deles com a Trindade e, em segundo lugar, era para a estratégia de ministério em seu contexto específico. Eles perguntavam a Deus o que ele estava fazendo, onde o inimigo tinha fortalezas, e como eles poderiam se juntar a Deus no que ele queria fazer. Esses missionários do Novo pareciam ansiosos para que Deus lhes desse missões do Reino enquanto passavam o dia.

À medida que continuei a estudar a Escritura, percebi que essa era, na verdade, a norma ao longo de toda a narrativa. E quando olhei para o livro de Atos e vi a igreja primitiva, empoderada e liderada pelo Espírito Santo; vi esse relacionamento interativo no qual os seguidores de Jesus ouviam, obedeciam e viam o Reino avançar como um modo de vida. Por que seria diferente para nós hoje?

Eu gosto como John Eldredge descreve isso em *Moving Mountains* (Movendo Montanhas):

Percebi que muitos seguidores de Cristo tinham sido ensinados que Deus só fala a seus filhos e filhas através da Bíblia. A ironia dessa teologia é essa: isso não é o que a Bíblia ensina! As Escrituras estão cheias de histórias de Deus falando a seu povo — intimamente, pessoalmente.⁶

Tudo isso para dizer que descobri que esse relacionamento interativo com Deus era possível. Comecei a aprender a identificar, como Dallas Willard o descreve, a “textura” da sua voz. Isso tem sido um divisor de águas em meu relacionamento com Deus.

Para todos os fãs de Nárnia, digo às pessoas que aprender a ouvir a Deus foi o meu guarda-roupa. Como Lucy, fiquei desorientado no começo, um pouco hesitante e temeroso no começo, mas uma vez que soube que era real, todo um novo panorama de vida se abriu diante de mim. Percebi que poderia fazer parceria com Aslam para derrotar a

⁶ <https://wildatheart.org/daily-reading/our-god-speaks>

Feiticeira Branca. Eu poderia fazer parceria com Jesus para trazer redenção para um mundo caído, não apenas na teoria ou teologicamente, mas na prática. Jamie e eu estaremos para sempre em dívida com a Novo por nos pastorear e equipar nessa jornada.⁷

Dois breves exemplos da minha experiência podem ser úteis para ilustrar maneiras que tenho visto Deus se comunicar. A primeira envolve cura interior, libertação e santificação. Uma das minhas maiores batalhas na vida que frequentemente me paralisava e requeria muita energia emocional era o *remorso*. Fossem coisas pequenas ou grandes, eu me arrependia de muitas decisões e muitas vezes ficava paralisado antes de decidir algo. Eu tinha medo de me arrepender daquela decisão depois.

Um dia, enquanto orava, eu estava conversando com Deus sobre meu problema com o “remorso” e pedi que ele me ajudasse a lidar com isso. Uma maneira pela qual aprendi que Deus pode falar conosco é através de nossa imaginação. Se considerarmos como Jesus ensinava usando parábolas e metáforas, é razoável crer que Deus pode falar conosco da mesma forma. Então, enquanto orava, Deus me deu uma imagem que eu nunca havia pensado antes. A imagem era eu, sentado no meu peito — ou seja, dois de mim na imagem. O eu que estava sentado no topo estava espancando o outro eu, ensanguentando meu rosto com um soco atrás do outro.

O ponto dessa imagem ter sido tão chocante é que eu odeio luta. Não consigo assistir boxe ou artes marciais. E, quando eu era mais novo, eu ficava enjoado quando uma briga começava na escola. Então, essa imagem me assustou, para dizer o mínimo. Logo em seguida, veio à mente outro pensamento que parecia a voz mansa de Deus. “Mark, é realmente assim que você quer viver?” Descobri que quando Deus se

7 Para ler mais do que Mark escreveu sobre como Deus fala, veja o artigo “*Five Reasons Why God Speaks*” (Cinco Razões Pelas Quais Deus Fala) em: <https://media.novo.org/pdf/five-reasons-god-speaks.pdf>

comunica especificamente e unicamente a nós, é geralmente encorajador e persuasivo. Em resposta, escrevi no diário: “hoje é o dia em que o arrependimento morre!” Durante os doze meses seguintes, posso dizer que trabalhei para dar ao “remorso” um enterro apropriado.

Hoje, o remorso tem muito pouco poder sobre mim: talvez um décimo do poder que ele exercia antes de Deus falar comigo usando aquela imagem e aquela pergunta gentil. Naquele momento, eu não tinha um versículo ou passagem da Escritura para apoiar essa experiência. Porém, sabemos que Jesus veio para libertar os cativos, e que podemos nos despir do velho e vestir o novo (Efésios 4:22), e que somos encorajados que Deus “sonde os nossos corações e encontre algum caminho mau” (Salmos 139). A imagem e a admoestação que ouvi eram consistentes com a Escritura, mas não eram a Escritura em si.

O segundo exemplo envolve minha esposa, Jamie. Estávamos adorando a Deus em um culto da igreja em um domingo de manhã e Jamie sentiu que Deus queria lhe dizer algo sobre um homem sentado algumas fileiras à nossa frente. Ela já tinha encontrado aquele homem antes, mas não o conhecia bem. O que Jamie sentiu veio na forma de uma imagem de um coala. Jamie sentiu que Deus estava pedindo a ela para falar com esse homem sobre a imagem. Isso a levou a um pequeno vai e vem com Deus, no qual ela disse “Não vou até a esse homem, a quem não conheço, dizer-lhe que você me deu uma imagem de um coala e que é para ele”.

Como Deus geralmente faz, ele foi gentil e persistente. Ele não deixaria Jamie de fora dessa missão do Reino. Curiosamente, um dos efeitos físicos que Jamie às vezes experimenta quando o Espírito Santo a está impelindo para fazer algo, é um batimento acelerado e o pescoço dela também começa a ficar fisicamente vermelho e manchado. Então, ao invés de ir para o pronto-socorro, Jamie decidiu obedecer. Ela se aproximou desse homem, pediu desculpa por interromper, então entregou o que havia ouvido com grande hesitação, o que é uma “boa prática” quando ouvimos algo de Deus para outra pessoa. Primeiro, perguntamos a Deus se deveríamos compartilhar. Se sim, então oferece-

mos com cautela e com graça, percebendo que podemos nem sempre estar corretos em nosso discernimento.

Quando Jamie falou com ele, seus olhos se encheram de lágrimas e ele respondeu: “Estou separado da minha mulher agora e Coala era o meu apelido para ela”.

Não consigo encontrar uma referência específica para essa história nas epístolas ou no livro de Atos, mas será que essa experiência avançou o Reino naquele dia? Aquele homem sentiu o amor de Deus por ele de uma nova maneira, e soube que Jesus, o Bom Pastor, estava andando com ele através desse vale? De fato, ele soube, e tudo o que precisou acontecer foi uma de suas filhas ouvir e obedecer.

Colocando em Prática

Aceitando esses pressupostos básicos como verdadeiros, o foco desse livreto é como nós — aqueles que decidiram seguir Jesus e ser Seus discípulos — *usamos* a Bíblia. Ninguém menos que o próprio Jesus dá credibilidade a essa suposição. Como afirma John Stott:

Mais impressionante do que o que Jesus **disse** sobre a Escritura, porém, é a maneira como ele a **usou** pessoalmente. Sua visão elevada das Escrituras como a Palavra escrita de Deus está amplamente ilustrada no importante lugar que ela ocupava em sua própria vida e ministério. Ele não apenas falou sobre as Escrituras; ele creu nelas e ele mesmo agiu com base nelas.⁸

Viver como líderes centrados na Bíblia e agir de acordo com as Escrituras deve ser nossa prioridade definitiva. Pensamos ser isso que está implícito no “divisor de águas” de John Piper, na citação que introduz esse livreto. A autoridade “efetiva” da Escritura é o que realmente

8 John R. W. Stott, *The Authority of the Bible* (A Autoridade da Bíblia), Página 10.

importa, demonstrada por como vivemos obedientemente na vida cotidiana aquilo que a Escritura declara.

O Desenho da Mão

O “Desenho da Mão” comunica lindamente como posso colocar as Escrituras na minha vida e, por sua vez, a minha vida nas Escrituras. Eu (Sam) aprendi esse simples modelo desde cedo no meu relacionamento com Jesus, e ele foi reforçado mais tarde quando encontrei J. Robert Clinton, o professor de liderança no Seminário Teológico Fuller.

“Bobby”, como era carinhosamente conhecido por aqueles que estudaram com ele e que tiveram o privilégio de ser orientados por ele, foi um dos Biblicistas mais incríveis que já encontrei, seja na academia ou no ministério. Juntamente com o seu foco no surgimento de liderança como um campo de estudos e pesquisa de ponta, ser um líder centrado na Bíblia foi para Bobby uma paixão que durou a vida inteira.

Ao longo dos anos, umas das coisas que gostava de fazer era reunir líderes mais jovens na casa dos vinte e dos trinta anos para o que chamávamos de “Grupo de Orientação de Liderança”. Durante nossos meses juntos, um dos tópicos que exploramos regularmente foi: “O que significa ser um líder centrado na Bíblia?” Ao longo do percurso, eu pedia a Bobby Clinton que viesse passar uma noite conosco, falando sobre esse assunto. O impacto nas nossas vidas foi profundo.

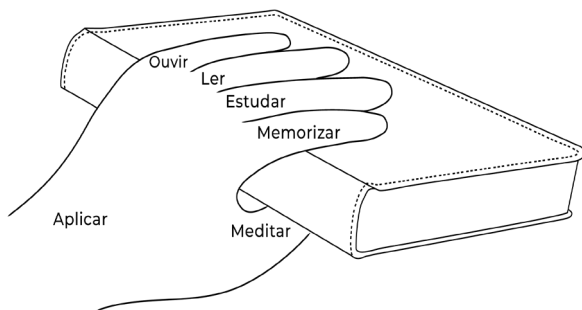
Bobby entrava na sala com várias caixas grandes. Ele depositava as caixas no centro da sala e pedia aos 15 a 20 participantes que escolhessem um ou dois livros ou objetos nas caixas. Em seguida, pedia-lhes que gastassem cerca de quinze minutos explorando as suas escolhas. O que eles viram e observaram? O que sua escolha ilustrava sobre a Liderança Centrada na Bíblia?

Nas caixas havia principalmente Bíblias. As Bíblias do Bobby. Havia a *Good News for Modern Man*, da década de 1970 e uma King James antiga.

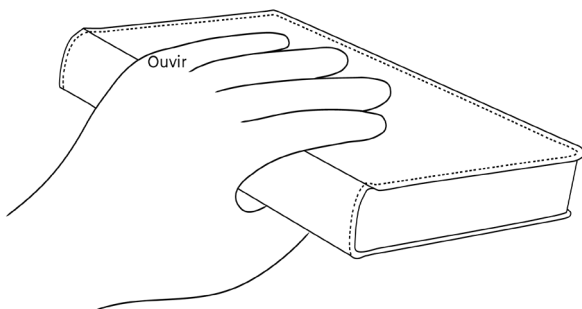
Havia uma infinidade de Bíblias de estudo, muitas vezes com datas de três a seis anos atrás. Havia traduções em grego e em hebraico. Havia Bíblias com folhas soltas cheias de notas. Havia Bíblias devocionais e meditações sobre as passagens. E havia uma caixa de charutos cheia de pequenos cartões de memória das escrituras (iguais os que eu havia usado em meus dias de universidade). As pessoas então relatavam ao resto do grupo o que haviam observado. O efeito era geralmente espantoso.

Como poderia alguém ter uma vida tão saturada na Bíblia? Eu geralmente estava tão convencido sobre minha própria relação anêmica com a Bíblia que a minha vontade era rastejar para debaixo da mesa de café e cavar um buraco no chão! Essa convicção — e a inspiração para fazer algo sobre isso — só cresceu ainda mais quando Bobby então começou uma apresentação de duas horas sobre como ser um líder centrado na Bíblia para o longo prazo.

Uma das ilustrações simples que ele sempre usou para nos motivar ao envolvimento com as Escrituras foi o “Desenho da Mão”. Simples, mas profundo.



1. O primeiro dedo representa **ouvir** a Bíblia. Isso pode significar ouvi-la sendo pregada, proclamada através da liturgia, ou recontada através de mídias, podcasts, etc. Tudo é audível.



Hoje, existem 900 milhões de pessoas analfabetas na população mundial. Para alcançá-las de forma eficaz e responsável, serão necessários métodos orais, não apenas escritos, de comunicação da Bíblia. Como escreve Mark Snowden,

O Chronological Bible Storying (Ensino Cronológico da História da Bíblia) está mudando a comunicação cristã para sempre. A ênfase nas preferências por aprendizagem oral é a próxima onda de avanço das missões... o amado “três pontos e um poema” está morto; vida longa à narrativa cronológica!⁹

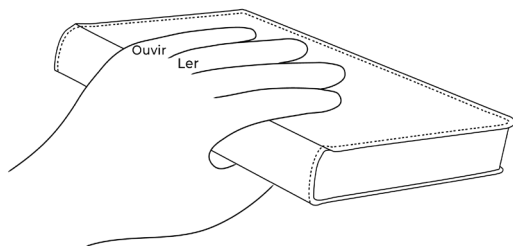
Mas mesmo entre aqueles que sabem ler e escrever, um dos meios mais eficazes de internalizar a Bíblia é escutando: “O que ouço?” e “Como posso recontá-lo?”

Mesmo entre os instruídos que estão distantes de Deus, responder a histórias bíblicas em conversas informais é uma maneira altamente eficaz de se envolverem com a Escritura. Isso é o que descobrimos consistentemente, independentemente da cultura ou geografia, com Grupos de Descoberta da Bíblia que são orais.

9 Mark Snowden, “Orality: The Next Wave of Missions Advance” (Oralidade: A Próxima Onda de Avanço das Missões) *Mission Frontiers* 26 (Fevereiro de 2004): 14. Veja também: “Textuality and Orality in the Bible” (Textualidade e Oralidade na Bíblia) por Jerry Hwang: <https://omf.org/blog/2020/04/21/textuality-and-orality-in-the-bible/>

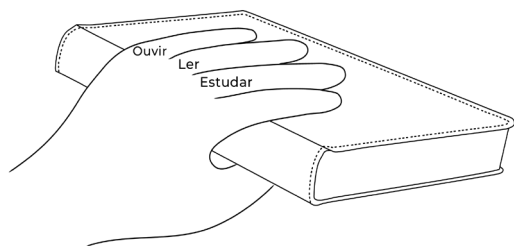
2. O segundo dedo representa a **leitura** da Bíblia. Bobby Clinton desafiou-nos com um simples compromisso (que ele próprio fez todos os anos) de ler a Bíblia em 52 semanas. Ele fez isso fielmente durante décadas. Lendo. Desfrutando. Absorvendo. Familiarizando-se. Uma vida inteira mergulhando nas Escrituras.

Há uma série de programas simples que podem nos ajudar a ler sistematicamente a Bíblia. É verdade que isso pode ser um desafio no meio da natureza digital do nosso meio cultural, onde a leitura é uma disciplina em declínio. Mas é muito lucrativo simplesmente imergir-se nas Escrituras pelo puro prazer do processo.



3. Com o terceiro dedo, mergulhamos significativamente mais fundo. Esse dedo representa o **estudo** da Bíblia. Nisso, Bobby se destacava. Sua “Fórmula De Preparação”¹⁰ é uma estratégia detalhada sobre como fazer isso, e o seu conceito de “livros centrais” (que explicaremos mais adiante nesse livreto) é uma visão incrível de como priorizar uma abordagem sistemática para o estudo bíblico. Para mim, pessoalmente, essas ferramentas simples revolucionaram minha abordagem da Bíblia e eliminaram quantidades significativas de culpa, liberando-me para acomodar a minha ingestão de Bíblia aos meus dons e vocação únicos.

10 Veja o Apêndice A



Há muitos ministérios que fazem um excelente trabalho de ajudar as pessoas a estudar a Bíblia. Grupos como o Bible Study Fellowship e o Community Bible Study são dois dos melhores e já ajudaram centenas de milhares de pessoas a se aprofundarem nos tesouros das Escrituras.

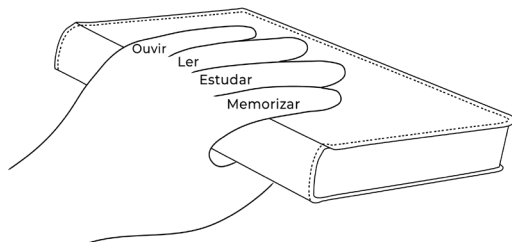
4. O quarto dedo na mão tem a ver com **memorizar** a Escritura. A memorização das Escrituras como disciplina espiritual é um meio altamente eficaz de saturar a vida com as Escrituras, nunca um capricho.¹¹ A melhor ferramenta que encontrei ao longo de muitos anos para começar na memorização das Escrituras é o *Topical Memory System* (Sistema de Memória por Tópicos), publicado pela NavPress.¹²

Esses versos e passagens, uma vez memorizados, têm sido vivificantes para mim! É incrível a frequência com que Deus os usa para falar, encorajar, validar e afirmar. É uma maneira incrivelmente

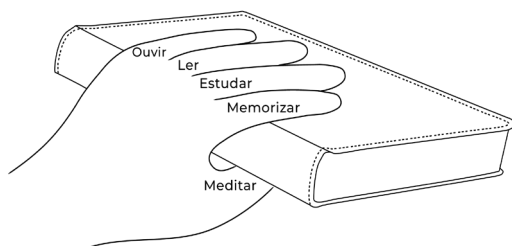
11 “A memorização bíblica é absolutamente fundamental para a formação espiritual. Se eu tivesse de escolher entre todas as disciplinas da vida espiritual, escolheria a memorização da Bíblia, porque é uma forma fundamental de encher a nossa mente do que ela precisa. Este livro da lei não se apartará da tua boca. É aí que você precisa dele! Como ele chega à sua boca? Memorizando.” (Dallas Willard, “*Spiritual Formation in Christ for the Whole Life and Whole Person*” (Formação Espiritual em Criação para a Vida Toda e para a pessoa Inteira) em *Vocatio*, Volume. 12, n. o 2, Primavera, 2001, p. 7)

12 *Topical Memory System* (TMS) (Sistema de Memória Tópico), The Navigators (Os Navegantes), <https://www.navigators.org/resource/topical-memory-system>

poderosa de ajudar 2 Timóteo 3:16-17 a se tornar uma realidade em uma vida e para o Salmo 11:9-11 se tornar uma verdade.



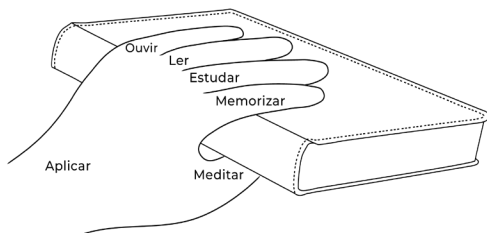
5. O quinto dedo é o polegar na ilustração, que representa **meditação**. Essa disciplina de fato atravessa as outras quatro da mesma forma que um polegar é usado em conjunto com os outros quatro dedos de uma mão física; tente segurar um livro com quatro dedos!



A meditação leva a verdade bíblica da cabeça ao coração. Ela fornece a postura mais propícia para o Espírito Santo interagir com a Palavra escrita e produzir mudança e aplicação pessoal. Ela permite que o Espírito transmita vida e use a Bíblia em poder Santo e ungido por Deus.

6. Por último está **aplicar**, que é realmente apenas um dos resultados importantes de qualquer um desses meios de ingestão da Bíblia. Iluminada pelo Espírito Santo, a Escritura é aplicada à vida com poder sobrenatural.

No entanto, esse não é o único resultado e nem o resultado. O mais importante é encontrar o Deus trino nas páginas da Sagrada Escritura. Novamente, é o que Jesus se referiu em João 5:39-40. Não são as próprias Escrituras, mas a quem elas nos levam a ver, relacionar e adorar, que é a prioridade definitiva.



Interpretando-a Corretamente

Absorver a Bíblia é apenas metade da equação no que diz respeito à liderança centrada na Bíblia. Obedecer à Bíblia é a outra metade da equação. Nos meus primeiros anos seguindo a Jesus (Sam falando), havia um simples, mas poderoso ditado a esse respeito: *“A Bíblia não foi dada principalmente para aumentar meu conhecimento, mas para mudar minha vida”*.

Essa é uma das chaves para a eficácia do processo de Estudo de Descoberta da Bíblia simples que a Novo usa em todo o mundo com pessoas que estão longe de Deus. O DBS é profundamente baseado na obediência. O que farei como resultado desta passagem? Antes mesmo de alguém começar a seguir Jesus, essa é a pergunta que fazemos. É por isso que muitas vezes dizemos que, com o DBS, estamos “disciplinando as pessoas para a conversão” e não o contrário. É tudo sobre obediência. É tudo sobre a realidade de João 14:21:

“Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama. Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele”.

A fim de fazer as aplicações certas e viver uma vida de obediência, precisamos saber — o melhor que pudermos determinar — o que a Bíblia realmente diz. E isso requer o uso de princípios sólidos de interpretação bíblica, o que os teólogos chamam de “hermenêutica”: a ciência da interpretação da Bíblia.

Princípios hermenêuticos não são algumas diretrizes arbitrariamente derivadas que alguém em algum lugar decidiu impor às Escrituras. Pelo contrário, são princípios sobre como ler e aplicar a Bíblia que têm autenticado a si mesmo ao longo do tempo. Eles estão enraizados na própria Escritura, são confirmados pela história e tradição sagradas, e consistentes com metodologias gramaticais, contextuais e linguísticas sólidas¹³.

Hoje, no Oriente Médio, estamos vendo dezenas de milhares de pessoas decidindo tornar-se seguidoras comprometidas de Jesus. A maioria está tomando essa decisão através da participação em um grupo DBS. À medida que esses grupos se multiplicam, tornou-se essencial que a liderança desses movimentos do Evangelho desenvolva uma compreensão aguçada de como responder fielmente ao encargo de Paulo a Timóteo:

Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar, que maneja corretamente a palavra da verdade. (2 Timóteo 2: 15)

Portanto, a formação em hermenêutica básica tem sido uma necessidade para a saúde e multiplicação dos líderes e das massas confiadas aos seus cuidados. Para fazer isso, desenvolvemos uma lista de princípios básicos de interpretação bíblica. Embora possamos elaborar sobre cada um deles e fundamentá-los acadêmica e teologicamente, isso está além do escopo desse livreto. Pelo contrário, essa lista é uma expres-

¹³ Ver J. Stafford Wright, *Interpreting the Bible* (Interpretando a Bíblia), (Downers Grove: InterVarsity Press, 1977).

são prática de como usar a Bíblia com integridade. E é uma lista que é aplicável em qualquer lugar do mundo onde esses movimentos do Evangelho se multiplicam.

Princípios para usar e Interpretar a Bíblia

A Natureza e a Autoridade das Escrituras

1. A Bíblia é inspirada, o que significa que ela foi “soprada por Deus“. Porém, isso não envolve ditado divino.
2. A Escritura vem de um Deus que se acomoda na mente humana através da linguagem humana para que os seres humanos possam assimilar a verdade de Deus.
3. O próprio Jesus reconheceu as Escrituras como tendo autoridade divina.
4. Embora a Escritura seja divinamente inspirada, ela é escrita por autores humanos; Deus usa linguagem humana e escritores humanos. Portanto, a Bíblia tem elementos humanos e divinos.
5. A Bíblia é completamente confiável e infalível naquilo que pretende comunicar. Como tal, ela não nos conduzirá ao erro (embora as pessoas e as suas interpretações o possam fazer).
6. A Bíblia é o seu melhor intérprete. A Escritura interpreta a Escritura. A Bíblia inteira é o contexto e guia para a compreensão de uma passagem específica.
7. A Bíblia não se contradiz. É consistente internamente.

8. Não devemos ser dogmáticos ou criar uma doutrina com base numa passagem obscura ou pouco clara.
9. A doutrina universal é baseada em padrões repetidos, consistentes e complementares em toda a Bíblia e é afirmada pela história e tradição.
10. O Novo Testamento é o cumprimento do Antigo Testamento. Devemos prestar muita atenção às maneiras pelas quais os escritores do NT utilizam e aplicam o AT.
11. Aqueles que afirmaram e estabeleceram o cânon bíblico (os livros e cartas considerados autoritativos) o fizeram a partir de uma postura de submissão à Bíblia e da experiência do povo de Deus com sua autoridade. Eles não exerceram autoridade sobre a Escritura, mas sim afirmaram o que era evidente na própria auto-revelação das Escrituras e no testemunho interno de veracidade e verdade — em outras palavras, a excelência discernível dos textos.
12. A Escritura é, portanto, auto-autenticável.¹⁴

¹⁴ A apostolicidade dos documentos foi também um fator de avaliação da canonicidade do Novo Testamento. Isso dizia respeito ao grau em que os documentos tinham as marcas da autoridade apostólica, da autoria ou da proximidade do testemunho apostólico. Por essa razão, Marcos e Lucas, nenhum dos quais eram apóstolos, foram aceitos, precisamente porque estavam diretamente sob o ensino e a orientação dos apóstolos. No caso de Marcos, a tradição da igreja primitiva o coloca junto a Pedro e diz-se que o seu Evangelho são as lembranças de Pedro. Lucas foi um companheiro de viagem de Paulo e pode ser colocado historicamente no âmbito dos apóstolos sobreviventes e testemunhas oculares de Jesus — algo que ele mesmo afirma em seu prólogo

O Assunto da Escritura

1. A Bíblia é a revelação de Deus sobre si mesmo, especialmente em relação a Jesus, e o que Deus está fazendo, fez e fará no mundo através dele.
2. Existem sessenta e seis livros individuais com provavelmente quarenta autores diferentes, mas o tema central é o mesmo: a redenção da humanidade e, finalmente, toda a criação através da pessoa de Jesus.

A Prioridade da Revelação Bíblica

1. A revelação bíblica não é exaustiva, o que significa que a Bíblia não fala especificamente sobre todos os aspectos da vida. Mas em tudo o que aborda, ela é autoritativa.
2. A escritura é a “corda” — a ferramenta de medição — pela qual todas as outras formas de revelação ou experiência pessoal devem ser avaliadas. Se outra revelação ou experiência é verdadeiramente de Deus, ela nunca irá contradizer a Bíblia.
3. Devemos deixar que a Bíblia julgue e avalie nossa experiência e não que nossa experiência determine o significado do texto.
4. Na vida, nas relações, no ministério, etc., devemos ser cautelosos para não proibir o que a Bíblia não proíbe.
5. Uma boa interpretação bíblica exige que compreendamos a diferença entre o que é bíblico, não bíblico e extra-bíblico.

Princípios Específicos de Interpretação

1. Todo leitor é intérprete e todo seguidor comprometido de Jesus pode aproximar-se da Bíblia com a mesma expectativa de poder compreendê-la, através da iluminação do Espírito Santo.¹⁵
2. Devemos abordar a Bíblia, como acontece com qualquer literatura, com a prática usual de entender seu significado claro como ponto de partida para a interpretação.
3. O nosso objetivo deve ser descobrir o significado de uma passagem tal como se pretendia que fosse compreendida pelos seus ouvintes originais, de modo a experimentarmos o mesmo efeito nos nossos corações, mentes e ações.
4. Devemos perguntar: “Qual é a 'ideia central' de uma determinada passagem?” e “como isso se encaixa na totalidade das Escrituras?”
5. Como a passagem está estruturada? É um mandamento?
6. As palavras se repetem? Um contraste? Uma comparação? Uma conexão? É para o agora? Para o futuro? Para o passado?
7. A Bíblia foi escrita em certos contextos culturais, em épocas específicas e em diferentes estilos literários. Isso deve ser levado em consideração enquanto se discerne o seu significado.

¹⁵ Isso não justifica os indivíduos que são excessivamente confiantes em relação à sua interpretação idiossincrática de uma passagem, uma vez que são “guiados pelo Espírito”. Em alguns casos, e com algumas passagens, pode ser necessário um conhecimento mais profundo do contexto, da língua original e da narrativa bíblica mais ampla que os informa.

8. A fim de obter uma compreensão precisa de uma passagem específica, os seguintes contextos concêntricos devem ser considerados, por sua vez:
 - Materiais antes e imediatamente após o texto específico;
 - O livro específico em que o texto se encontra;
 - O testamento específico em que o texto se encontra;
 - A Bíblia inteira.

9. Os gêneros literários também determinam a forma como interpretamos o conteúdo. Portanto, cada livro deve ser entendido à luz do seu gênero e contexto histórico. Os gêneros incluem:
 - Narrativa
 - Lei
 - Sabedoria
 - Poesia
 - Profecia
 - História
 - Parábola
 - Epístola (Carta)

Interpretando as Escrituras na Comunidade Cristã

1. É melhor não interpretar as Escrituras sozinho, mas fazê-lo em comunidade com outros. Outros seguidores comprometidos de Jesus — todos dependentes do Espírito Santo juntos — trazem uma perspectiva de autocorreção.

2. As Escrituras devem ser interpretadas à luz da história e da tradição. Temos 2000 anos dentro das três maiores tradições (Ortodoxa, Católica e Protestante) que fornecem uma grande quantidade de testemunho unificado sobre os fundamentos da revelação divina.

3. Se abraçamos a *sola scriptura*, a *prima scriptura*, ou as visões católicas/ortodoxas das Escrituras — nas quais a Bíblia e a tradição podem ser igualmente autoritárias e complementares — o resultado prático do uso e da autoridade das Escrituras é semelhante.
4. A Bíblia é transcultural na medida em que toda cultura deve ter o privilégio de aplicar a Bíblia em seu próprio contexto, ou seja, etnoteologicamente. Embora a verdade não mude, sua aplicação pode variar dependendo da lente cultura.
5. Lembre-se de que a Trindade é o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Não é o Pai, o Filho e a Bíblia Sagrada.

J. Robert Clinton Sobre Liderança Centrada na Bíblia.

Por causa da paixão que J. Robert Clinton teve durante toda sua vida por líderes centrados na Bíblia (como mencionado anteriormente), ele desenvolveu vários recursos extremamente úteis sobre como as pessoas poderiam crescer nisso. A sua definição básica é um bom lugar para começar:

Um líder centrado na Bíblia refere-se a um líder cuja liderança é significativamente informada pela Bíblia e que pessoalmente foi moldada por valores bíblicos, compreendeu a intenção dos livros bíblicos e seu conteúdo de forma a aplicá-los às situações atuais e que usa a Bíblia no ministério para impactar seguidores.

Para atingir esse objetivo, Clinton propõe o que ele chama de *A Fórmula de Preparação*. Ele acredita que o domínio da Bíblia deve ser perseguido assim:

- + Consumo Devocional Diário
 - + Progredir em dominar seus livros centrais
 - + Familiaridade através da leitura
 - + Estudo Situacional
- = Domínio da Palavra para o recebimento de dons com poder.

O que ele quer dizer com isso é o seguinte:

Devocional

A ingestão devocional regular da Bíblia é necessária. Clinton sugere fazer isso com os livros “centrais”, mas reconhece a necessidade de variedade.

Há uma infinidade de ajudas e métodos no que diz respeito ao uso devocional das Escrituras. Provavelmente, o maior desafio é mergulhar tanto nas Escrituras quanto nos comentários devocionais sobre as Escrituras.

Progredindo nos Livros Centrais

“Central” é um conceito-chave, e Clinton escreve muito sobre isso¹⁶. Simplificando:

¹⁶ Veja estes livros de Clinton para mais detalhes: *Having a Ministry that Lasts* (Como Ter um Ministério Duradouro), *The Bible and Leadership Values* (A Bíblia e Valores de Liderança), e *Leadership Perspectives: How to Study the Bible for Leadership Insights* (Perspectivas de Liderança: Como Estudar a Bíblia para Aprender sobre Liderança), Barnabas Publishers.

Os líderes geralmente têm livros bíblicos favoritos, ou passagens especiais, que Deus usou poderosamente em suas próprias vidas para estimular seu crescimento ou resolver seus problemas ou de outra forma enfrentá-los. São esses livros ou Passagens especiais ou outros materiais contextuais bíblicos que formam a base para muito do que eles compartilham com outros no seu ministério.

A maioria de nós tem entre cinco e dez livros “centrais”. Esses são aqueles aos quais retornamos repetidamente. Somos atraídos por eles por várias razões. Talvez eles ressoem com nosso dom ou temperamento. Podem ser livros que têm um significado especial na vida e no ministério para os quais Deus nos chamou de forma única. Muito provavelmente, são as passagens das Escrituras onde Deus nos encontrou e nos ministrou com poder vivificante.¹⁷

Quando eu (Sam) me familiarizei com o conceito de “central”, foi tremendamente libertador. Senti que o fardo de conhecer profundamente a Bíblia de capa a capa tinha sido tirado de meus ombros. Ainda que eu quisesse entender e crescer em minha apreciação do todo, percebi que havia certos livros e seções das Escrituras que eram mais relevantes e aplicáveis para minha própria vida e circunstâncias. Eu não tinha que me sentir culpado se eu fosse consistentemente atraído de volta para partes da Bíblia que eram mais significativas. Eu poderia me comprometer a dominar esses livros mais profundamente.

Vi isso vividamente em Russ Spittler, o ex-professor sênior do Novo Testamento no Seminário Fuller. Ele era um estudioso piedoso vindo de um meio pentecostal e o amor da sua vida foram os livros de 1 e 2 Coríntios. Em sua geração, ele foi uma das principais autoridades globais sobre essas cartas bíblicas. Elas eram “centrais” para ele. Ele ignorava o resto da Bíblia? Claro que não. Mas o conceito de “central”

¹⁷ Veja “*How to Identify Core Set/Core Selections*” (Como identificar os Livros Centrais/As Seções Centrais) - <https://media.novo.org/pdf/how-to-identify-core.pdf>

libertou-o para se concentrar e, portanto, dominar essas passagens em um grau significativo.

Identificar os meus livros principais liberta-me para me aprofundar neles ao longo da minha vida, permitindo-me aproveitar os meus pontos fortes em vez de me fixar nas fraquezas. Há muito tempo que me critico por não estar familiarizado com os profetas menores do Antigo Testamento, nem passo muito tempo em Levítico e Números. Estar imerso no livro de Atos, ou Efésios, ou no Evangelho de Marcos tem sido muito mais fundamental e, em última análise, gratificante, considerando o chamado de Deus para a minha vida.

Leitura de Familiarização

Essa é a melhor maneira de entender toda a Escritura, e isso pode ser feito com prazer. Clinton foi um forte defensor da leitura da Bíblia em um ano apenas pelo prazer e alegria de estar imerso nas Escrituras. Existem inúmeros currículos e programas de estudos para ajudar a facilitar isso. Além disso, ouvir versões gravadas da Bíblia pode servir para o mesmo propósito.

Estudo Situacional

Trata-se, sobretudo, da leitura tópica da Bíblia e baseia-se em necessidades urgentes na minha situação em particular. De que preciso na minha vida pessoal, no meu ministério ou nas relações com os outros? Que preparação é necessária para que eu possa empregar a Bíblia com integridade e habilidade em situações da vida real? Como posso preparar-me adequadamente para ser “como obreiro que não tem do que se envergonhar, que maneja corretamente a palavra da verdade” (2 Timóteo 2:15)?

As ajudas de estudo bíblico para estudos situacionais são infinitas. A internet tornou a erudição bíblica sólida acessível a praticamente qualquer pessoa séria em estudar, interpretar e aplicar as Escrituras. Desde que a Bíblia tenha sido traduzida para a sua língua materna, as

ferramentas para entender e aplicar as Escrituras nunca estiveram tão facilmente acessíveis.

Além do mais, não é preciso ter estudado hebraico ou grego para entender o significado claro e contextual das Escrituras. Mesmo que queiramos dar um mergulho exegético profundo numa passagem, as ferramentas disponíveis para nos ajudar a fazê-lo são exaustivas e não requerem facilidade nas línguas originais. Todos nós tivemos a experiência de alguém dizendo, geralmente de um púlpito, “em grego, na verdade, isso quer dizer...”. Infelizmente, o que isso pode implicar é que minha tradução da Bíblia não é adequada e, portanto, dependo de um especialista para dar a verdadeira interpretação. Na maior parte do tempo, isso simplesmente não é verdade!

Tanto na leitura de familiaridade quanto no estudo situacional, precisamos estar atentos a novos livros “centrais” que possam surgir ou talvez tópicos e valores centrais que se venham à superfície. O conceito de “central” não é estático, mas pode mudar ao longo do tempo, dependendo do cenário e da estação da vida.

O Conjunto de Dons e a Abordagem à Bíblia para Cada Um

Outro conceito de Clinton que é extremamente útil é o conceito do “conjunto de dons”. O conjunto de dons leva os dons espirituais enumerados nas Escrituras (Romanos 12, Efésios 4 e 1 Coríntios 12 e 14) e os organiza em três categorias.

Os Três Níveis de Dons de Palavra

Dons de Palavra Remotos

Palavra de Sabedoria, Palavra de Conhecimento,
Discernimento de Espíritos

Dons de Palavra Superestruturais

Apostolado, Evangelismo, Liderança, Pastoreio

Dons de Palavra Fundamentais

Ensino, Exortação, Profecia

Com esse paradigma, a forma como um líder se relaciona com as Escrituras e seu uso é influenciada por seus dons. Clinton afirma:

Nem todos os líderes usarão a Bíblia no mesmo grau. As pessoas com dons de palavra fundamentais (exortação, ensino, profecia) serão

muito mais analíticos em seus estudos, já que a principal função desses dons é entregar princípios bíblicos para a vida das pessoas.

Aqueles com dons de palavra superestruturais (apostolado, evangelismo, pastoreio, liderança) estudarão a Palavra a fim de obter os padrões para julgar seu ministério. As funções desses dons superestruturais de palavra não são a entrega da Palavra, mas o nascimento e o cuidado das obras de Deus que, por sua vez, necessitarão dos dons de palavra fundamentais.

Os dons de palavra remotos (palavra de conhecimento, fé, palavra de sabedoria, e às vezes discernimento de espíritos) terão de conhecer a palavra, a fim de fornecer uma corda (definir os limites) e um critério (fornecer padrões de avaliação) para o seu ministério de revelação espontânea. Portanto, o grau de estudo analítico variará de acordo com os dons. É diferente de pessoa a pessoa. Mas todos os líderes devem usar a Palavra de forma devocional e para julgar sua liderança.

Para mim, pessoalmente (Sam falando), compreender esse simples paradigma tem sido outro conceito imensamente libertador. Como uma pessoa que tem predominantemente dons de palavras superestruturais, é libertador não ter de abordar a Bíblia com a mesma intensidade ou fervor que seria normal para aqueles que têm dons de palavra fundamentais. Esse conceito me ajudou a entender que as expectativas de Deus em relação a todos nós não são as mesmas em relação à nossa interação com as Escrituras, e as variáveis existem por causa dos “diferentes tipos de dons” (1 Coríntios 12:4-7).¹⁸

Em Conclusão

O que valorizamos para aqueles que servem com a Novo em todo o mundo e para as milhares de pessoas que se associam a nós, ou se be-

18 Ver Apêndice, *Equipado pela palavra*, para uma descrição mais aprofundada desses conceitos.

neficiam do nosso ministério, é um caso de amor para a vida toda com a Bíblia: uma sede insaciável de absorver as Escrituras e permitir que nossas vidas sejam moldadas e formadas por ela em santa e reverente obediência.

Nas gerações passadas, esse compromisso com a fidelidade bíblica e o poder transformador das Escrituras como vivas e ativas pode ter sido dado como garantido.

Já não é mais assim. Em um mundo complexo inundado de pós-modernidade secular no Ocidente e com uma série de ismos no cenário global, estar fundamentado na Bíblia não é mais algo garantido, mas sim uma necessidade. Trata-se de um compromisso solene de todos os que servem com a Novo e de todos aqueles com quem caminhamos na multiplicação dos movimentos do Evangelho por toda a terra. Que assim seja hoje e durante muitas décadas.

Após sua carreira no beisebol, Billy Sunday tornou-se o evangelista americano mais célebre e influente durante as duas primeiras décadas do século XX. Após a sua morte, o seguinte foi encontrado escrito na folha de rosto de sua Bíblia:

A Supremacia de Cristo Expressa nas Escrituras

Há vinte e nove anos, com o Espírito Santo como guia, entrei no pórtico do Gênesis, percorri o corredor das galerias de arte do Antigo Testamento, onde estão pendurados na parede quadros de Noé, Abraão, Moisés, José, Isaque, Jacó e Daniel. Passei para a sala de música dos Salmos, onde o Espírito passeia pelo teclado da natureza até parecer que cada palheta e cano no grande órgão de Deus respondem à harpa de Davi, o doce cantor de Israel.

Entre na câmara de Eclesiastes, onde se ouve a voz do pregador, e no conservatório de Saron e o lírio do vale, onde as especiarias doces enchiam e perfumavam a minha vida.

Entrei no escritório de negócios de Provérbios e no observatório dos profetas, onde vi telescópios de vários tamanhos apontando para eventos distantes, concentrando-me na estrela brilhante e matutina que se elevaria acima das colinas iluminadas pela lua da Judeia para a nossa salvação e redenção.

Entrei na sala de audiências do Rei dos Reis, captando uma visão escrita por Mateus, Marcos, Lucas e João. Em seguida, em correspondência com Paulo, Pedro, Tiago e João escrevendo suas epístolas.

Entrei na sala do trono do Apocalipse, onde se erguem os picos brilhantes, onde está sentado O Rei dos reis sobre o seu trono de glória com a cura das Nações na mão, e gritei:¹⁹

Todos saúdem o poder do nome de Jesus!
Que os anjos caiam prostrados;
tragam o diadema real e
coroem-no Senhor de todos.

¹⁹ Uma passagem editada atribuída ao evangelista e atleta, Billy Sunday (1862 - 1935).

Apêndice

Equipados pela Palavra O Uso da Palavra de Deus por Líderes Centrados na Bíblia

Dr. J. Robert Clinton*

Em minha experiência com líderes — fossem pastores, missionários ou leigos — notei um acontecimento que sempre se repetia. No início de seu ministério, eles estudam a Palavra.

Eles são atraídos pela Palavra. Ela é importante para eles. Então, ao longo dos anos de ministério, eles perdem o seu primeiro amor pelas Escrituras. Eles estudam a Bíblia apenas para pregar ou para dar alguma lição dela. Eles já não têm mais aquele forte desejo pela Palavra. Não estão sendo *equipados pela Palavra*.

Existem, provavelmente, várias razões para isso. Para os líderes da missão, as pressões da liderança exigem frequentemente que as atividades e a atenção sejam dadas primeiro à sobrevivência da organização. Orientei vários líderes desse tipo. A minha intenção sempre foi trazê-los de volta à Palavra. Parte de sua habilidade de liderar e influenciar vem da sua familiaridade com a Palavra e com uso que Deus faz dela em suas vidas e liderança. Eles não podem deixar de ser *equipados pela Palavra*.

Para os pastores, a preparação rotineira para as apresentações dominicais parece ser esmagadora em si mesma. Eles estudam a Palavra para aliviar essa pressão constante. Mas, frequentemente, o seu estudo é sempre para dar. O seu estudo é limitado. Trata-se apenas de preparação para o ministério público. Eles não estão sendo pessoalmente equipados pela Palavra. Embora muitas vezes familiarizados com grande parte da Palavra, eles também sentem falta de ser *equipados pela Palavra*.

Para os missionários, existem as pressões da vida diária no campo e as atividades envolvidas no ministério transcultural. Apenas viver, em muitos campos missionários, leva tempo. Os problemas constantes do ministério transcultural drenam a energia. Muitas vezes, a menos que seu ministério seja pregar ou ensinar em uma escola teológica, seus hábitos de estudo definham. A vida cotidiana engole o seu outrora ávido anseio e desejo pela Bíblia. Eles precisam ser *equipados pela Palavra*.

Todos os líderes têm um ou mais dons de “palavra”. Portanto, de uma maneira especial, eles são responsáveis por conhecer e usar a Palavra escrita em seus ministérios. Mas não se trata apenas de um conhecimento factual. Eles devem relacionar-se com as escrituras de forma vivificante. O resultado final do seu uso da Bíblia, tanto para si como para o seu ministério, é uma relação cada vez mais íntima com Deus.

Os líderes devem se relacionar com a Palavra em pelo menos três maneiras distintas:

Primeiro, eles devem usar a Palavra de forma devocional para aprofundar seus relacionamentos com Deus. Eles devem continuamente alimentar-se espiritualmente a partir dela.

Em segundo lugar, eles devem aprender a usar a Palavra como um padrão para julgar sua liderança. Isso exigirá o estudo da Bíblia a partir do quadro geral. Ou seja, a partir de uma perspectiva geral das Escrituras em sua totalidade e dos livros como um todo, a fim de julgar o que e por que os personagens bíblicos fazem como fazem. Então, o líder deve ser capaz de comunicar efetivamente esses preceitos e princípios àqueles que seguem. Fazer isso significa que deve haver alguma forma de estudo analítico de partes individuais de livros para revelar as verdades que devem ser aplicadas.

Nem todos os líderes farão todas essas coisas no mesmo grau. As pessoas com dons de palavra fundamentais (exortação, ensino, profe-

cia) serão muito mais analíticas em seu estudo uma vez que a principal função desses dons é entregar preceitos bíblicos para a vida das pessoas. Aqueles com dons de palavra superestruturais (apostolado, evangelismo, liderança de pastoreio) estudarão a Palavra a fim de obter os padrões para julgar seu ministério. As funções desses dons de palavra superestruturais não são a entrega da Palavra, mas o nascimento e o cuidado das obras de Deus que, por sua vez, necessitarão dos dons de palavra fundamentais. Aqueles com dons de palavra remotos (palavra de conhecimento, fé, palavra de sabedoria e, por vezes, discernimento dos espíritos) terão de conhecer a Palavra, a fim de fornecer uma corda (definir os limites) e um critério (fornecer padrões de avaliação) para o seu ministério de revelação espontânea. Portanto, o grau de estudo analítico variará de acordo com os dons. É diferente de pessoa para pessoa. Mas todos os líderes devem usar a Palavra de forma devocional e para julgar sua liderança.

Paulo admoesta e encoraja Timóteo na sua primeira carta a esse líder em dificuldades: “cuida de ti e do teu ministério”. Uma das principais formas de assumir-se como líder cristão é dedicar-se ao estudo e ao uso da Palavra.

Toda Escritura inspirada por Deus é proveitosa para ensinar, trazer à tona as áreas problemáticas necessárias, para corrigi-las e para, em geral, trazer justiça ao líder, a fim de que O LÍDER ESTEJA EQUIPADO PARA SER E FAZER o que Deus deu a esse líder para ser e fazer.

Equipado pela Palavra. Não há outra garantia para equipar os líderes.

Dons de Palavras e a Bíblia

Quão fundamentado nas Escrituras deve ser um líder? A resposta a essa pergunta tem fortes implicações para o pensamento desenvolvimentista. Tem repercussões para o discipulado. Tem repercussões na forma como treinamos outros. Isso afetará a “projeção de dons”, que é a tendência de todos os líderes fortes têm de forçarem seus seguidores

a operar com os dons que possuem e desenvolvê-los da mesma maneira que fizeram.

À medida que estudamos centenas de líderes, reconhecemos o fato de que cada líder tem pelo menos um “dom” de palavra no seu conjunto de dons. Isso significa que todo líder deve ser equipado pela Palavra. No entanto, também chegamos a reconhecer que nem todos os líderes com dons de palavra precisam estudar a Bíblia com o mesmo nível de intensidade ou domínio.

Acreditamos que existem vários níveis de dons de palavra em relação à importância de conhecer a Bíblia. Todo líder que opera em um dom de palavra precisa estar fundamentado na Bíblia. As Escrituras são a nossa principal fonte e autoridade definitiva de revelação sobre quem Deus é e o que ele espera. No entanto, em nossa opinião, os líderes que operam com certos dons de Palavra precisam ser fundamentados mais profundamente do que outros líderes que operam com outros dons de Palavra. Ilustramos isso dividindo os dons de palavra em três níveis.

Os Três Níveis de Dons de Palavra

Diz-se que os dons de palavras fundamentais são fundamentais porque o principal elemento desses dons é a explicação de Deus e da vontade de Deus. A operação desses dons depende muito do conhecimento da revelação de Deus de si mesmo e de seus caminhos na Bíblia. Líderes com dons de palavra fundamentais devem estar continuamente se aprofundando em seu conhecimento de e relacionamento com Deus através do estudo e compreensão da Palavra escrita de Deus. Essa deve ser a sua principal fonte de funcionamento dos seus dons. Eles devem ter disciplinas detalhadas para o estudo da Bíblia de forma regular e contínua.

As pessoas com dons fundamentais têm uma tendência a projetar as suas disciplinas pormenorizadas sobre os outros; afinal, elas lhes parecem tão naturais e eles lucraram e cresceram tanto usando-as.

Mas eles devem reconhecer essas tendências de projeção. Eles devem ver que, em vez de ter todas as outras pessoas com dons de palavra (e mesmo sem dom de palavra) emulando seus programas, eles devem reconhecer seu lugar no corpo e fornecer ao resto seus ganhos e o fruto de seu trabalho.

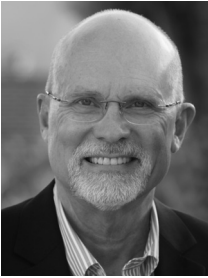
As pessoas que têm dons de palavras superestruturais descobrem que sua principal função não é o esclarecimento da Palavra de Deus, mas sim usar a Palavra de Deus para realizar outras tarefas importantes no corpo de Cristo. Esses líderes precisam conhecer bem a Palavra escrita de Deus o suficiente para saber que o que estão construindo ou realizando no ministério baseia-se firmemente nos princípios e na revelação da Palavra de Deus. Para os líderes com esses dons, realizar as tarefas relacionadas aos seus dons é o foco, em vez de acumular uma compreensão da Palavra escrita de Deus. Esses tipos de líderes precisam confiar em líderes com dons de palavra fundamentais para fornecer correção, princípios, valores e orientação com base em seu estudo mais aprofundado da Palavra.

Os dons de palavra remotos são aqueles que têm uma dependência primária do Espírito Santo e não de um corpo de conhecimento acumulado. Isso não significa que esses dons devam ser incompatíveis com a Palavra escrita, mas o foco está na situação imediata do ministério. Esses dons transmitem uma palavra situacional de Deus num contexto específico de ministério. A dependência de conhecer a Palavra escrita de Deus é secundária. Os líderes que operam com dons de palavras remotos precisam conhecer a Palavra escrita de Deus em um nível para que a Bíblia opere como uma corda ou um critério para as suas palavras situacionais. Deus falando em uma situação através de um líder não contradiz sua Palavra escrita ou princípios baseados na Palavra escrita de Deus.

As implicações da compreensão dessas nuances são:

- Nem todos os líderes têm de se basear na palavra ao mesmo nível. Deve haver níveis de profundidade de ensino e de preparação na palavra para uma determinada situação.
- Nem todos os seguidores, indivíduos com dons de palavra, precisam do mesmo nível de ensino.
- Em termos de disciplinas e objetivos do estudo bíblico, os vários grupos de líderes precisarão de abordagens e objetivos diferentes. O Fundamental necessitará das disciplinas e abordagens mais exaustivas. A superestrutural as segundas mais exaustivas, e as remotas as menos.
- Quase todos os líderes possuem múltiplos dons e, às vezes, irão se sobrepor a essas três categorias.
- A categoria superior deve dominar a sua filosofia de preparação.
- Todos os líderes têm o dom da palavra e precisam da preparação que pode vir apenas da Palavra.
- O reconhecimento dos níveis de dons de palavra ajudará a aliviar a tendência de projeção de pessoas com fortes dons de palavra. Isso nos liberta em nossa abordagem da Bíblia.

* Adaptado com autorização do texto *Equipado pela Palavra* escrito pelo Dr. J. Robert Clinton.



Sam Metcalf serviu como presidente da Novo-EUA (antiga CRM) de 1985 a 2022, buscando recrutar e capacitar líderes para o ministério apostólico e criar estruturas apostólicas pioneiras, como a Novo, que multiplicarão os movimentos do Evangelho em todas as nações. Hoje, ele coordena a CoNext — a parceria global de entidades semelhantes à Novo em um número cada vez maior de nações que compartilham missão, visão e crenças mútuas — todas lideradas por líderes nacionais. Ele tem um diploma de graduação pela Universidade da Virgínia, um mestrado pela Escola de Estudos Interculturais do Seminário Fuller e um doutorado pela Escola de Teologia Fuller. Sua esposa, Patty, está igualmente envolvida no ministério com um foco mais específico na oração de cura. Sam e Patty vivem no Sul da Califórnia e têm dois filhos adultos e seis netos.



Mark Thrash é diretor de desenvolvimento de recursos e iniciativas estratégicas da Novo. Ele é bacharel em Marketing Empresarial pela Universidade de Biola e foi diretor de área com a Young Life antes de vir para a Novo. Mark ama seu trabalho porque consegue misturar quatro coisas pelas quais é apaixonado: pessoas, o Reino de Deus, estratégia e início de novas iniciativas do Reino. Ele adora caminhar ao lado de nossos fiéis parceiros de ministério e equipá-los com as ferramentas do arsenal da Novo e convidar novos amigos para a família Novo. Ele também gosta de garantir que nossos missionários sejam tenham todos os recursos necessários para que possam cumprir o chamado da Novo em todo o mundo. Mark é casado com Jamie, e eles são os pais orgulhosos de Hazel, Hank e Mae. O time Thrash vive em San Juan Capistrano, Califórnia.



A Novo é um grupo de missionários criativos enviados para multiplicar movimentos do Evangelho e para mobilizar a igreja para essa missão ao redor do mundo.

Mais de 600 membros de tempo integral da Novo ministram em uma variedade de culturas e contextos em mais de 100 nações. A Novo também oferece treinamentos para centenas de pastores, líderes de igrejas, e plantadores de igrejas em parceria com mais de 50 denominações em toda a América do Norte.

Chamados a serem determinados, inovadores e receptivos à liderança do Espírito, os colaboradores da Novo são, em primeiro lugar, discípulos, profundamente empenhados em conhecer e seguir a Jesus. Onde quer que sirvam, eles são os que acendem o fogo, multiplicando o seu impacto, equipando, empoderando, e colaborando com outros. Os missionários da Novo gostam de correr riscos, de enfrentar novos desafios, e estão dispostos a arriscar as suas vidas pela causa de Cristo. Eles compartilham o melhor que têm para multiplicar movimentos do Evangelho. E eles acreditam que nada é tão importante quanto alcançar as nações com as Boas Novas de Jesus.

Para mais informações, visite novo.org (antiga CRM Empowering Leaders).



NOVO

2021